ALLPORT, Gordon W., Modelos Psicológicos para Orientar y Aconsejar, *Revista de Psicologia General y Aplicada,* Madri, 1967.

O número da *Revista de Psicologia Aplicada,* de Madri, acima citado, insere os principais trabalhos do II Congresso Nacional de Psicologia, realizado nessa capital, de 24 a 29 de abril do ano passado. Entre êles, a comunicação de ALLPORT de grande importância para orientadores. Êle inicia seu trabalho lembrando a peculiaridade de o conselheiro ter que examinar cada cliente através de óculos profissionais. "Desde a época de estudantes, diz ALLPORT, uma certa imagem do homem fica em nossos olhos; crescemos acostumados a essa imagem, e, quando chegamos à vida profissional adulta acabamos dando-a como certa. Precisamos, porém, de tempos em tempos, examiná-la usando lentes diferentes".

Três, dentre essas lentes, considera o autor como merecedoras de especial preferência:

1. O homem visto como ser que reage.

Sob êsse rótulo inclui perspectivas conhecidas como Psicologia Científica, tais como o Naturalismo, Positivismo, Behaviorismo, Operacionismo, Fisicalismo etc.

2. O homem visto como ser que reage segundo motivos profundos.

Refere-se aqui, ao que, de diversas maneiras, é chamado *Psicanalisis,* Psicodinâmica e Psicologia profunda. Considera que, entre os aspectos válidos da Psicanálise, para todos os conselheiros, está o de ficarmos atentos às racionalizações e negações da realidade, mediante a repressão e os deslocamentos da agressão. Essas e outras defesas do ego pertencem à natureza do homem, e por isso devem encontrar lugar em qualquer teoria da personalidade humana. ALLPORT discorda de FREUD em que êste parecia considerar a pessoa como raramente pró-ativa, e dificilmente ativa, mas, sim, fixada em experiências precoces.

3. O homem visto como um ser em processo de devir.

Aqui incentiva os conselheiros a levar a sério as ansiedades atuais da jovem geração. O orientador não estará preparado para cumprir sua tarefa a menos que possa compartilhar de alguma forma das apreensões

da juventude moderna, sentindo o terreno sôbre o qual essa juventude caminha. Qual a utilidade de invocar uma teoria impessoal da aprendizagem, matéria biológica da motivação e uma fórmula vitoriana da última época para o inconsciente, quando os problemas da juventude de hoje são agudamente conscientes, intensamente pessoais e que impulsionam o jovem como astronauta sem guia para um futuro desconhecido?

Sugere uma atitude de sondagem de possibilidades, e para conseguir uma imagem mais realista do homem e de suas potencialidades, uma revisão de novas teorias da aprendizagem e do desenvolvimento, da motivação e da estrutura da personalidade.

ALLPORT, que já tratou detalhadamente dêsse tema em *Pattern and Growth in Personality,* diz também algumas palavras sôbre o assunto, no presente trabalho.

Frisa, no fim da comunicação que o processo de orientar não pode estar sujeito a regras empíricas; as características do orientador são importantes e os testes também ajudam, mas embora, confesse que espera com ansiedade a criação de novos instrumentos que se adaptem melhor ao estudo do indivíduo, acha que o mais importante na orientação é o tipo de óculos de que o conselheiro se utilize.

Em psicologia ainda mais do que em física precisamos de uma teoria capaz de enfrentar uma realidade fluida, ou em permanente transformação.

A comunicação é breve, mas digna de ser lida por todos quantos se dediquem à difícil tarefa de orientar e aconselhar.

ISABEL ADRADOS